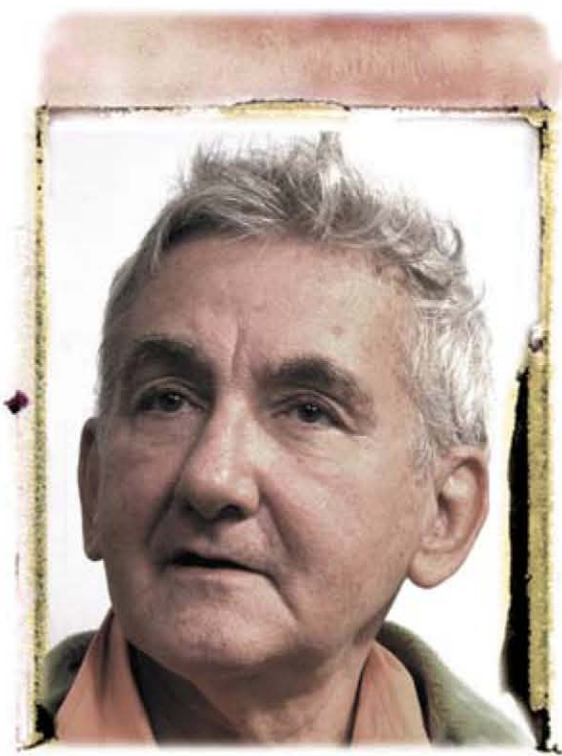


ALBERTO SALVÁ EM OITO FALAS

“Eu sou catalão, Áries, Tigre e Xangô!”

Assim se apresentava informal e jocosamente Alberto José Bernardo Salvá Contel. Filho de Mathias, natural de Palma de Maiorca, e da catalã Josefa, Alberto Salvá veio ao mundo em 13 de abril de 1938, em plena Guerra Civil Espanhola. Numa Barcelona fustigada por bombardeios, Alberto nasceu com o cordão umbilical enroscado ao pescoço, e sua mãe teve o leite empedrado pelo estresse. Descobrimo-se grávida, Josefa tricou um pé de sapatinho de bebê e o enviou junto com a correspondência destinada ao marido, que, feito soldado à revelia, àquela altura se encontrava em algum ponto da Espanha ainda acessível pelos correios. Diante da mensagem, Mathias desertou. Depois de inúmeros percalços, finalmente chegou em casa, onde permaneceu escondido por um ano inteiro, sob o risco de ser descoberto e fuzilado.

Nesse período, a falta de calefação levava as famílias a buscarem abrigo no cinema, que passava sessões contínuas de filmes americanos, provendo à população alguma diversão e troca literal de calor humano. Essa experiência de ida à sala de cinema desde tão tenra idade marcou o início de um encantamento de Salvá pela tela grande que jamais se desfez. Ele assistia a filmes na televisão, em VHS e em DVD; porém, sempre priorizou a sala escura, onde se sentia absolutamente resguardado. A sexta-feira, virada do circuito carioca, era um dia especial. Acordava excitado, quase eufórico, e comprava o jornal bem cedo, a fim de exercitar sua relação de amor e ódio com os “bonequinhos”, que culminava com a ida à sessão que mais lhe apetecesse segundo seus próprios critérios. Dependendo do resultado da escolha, a birra era transferida para o diretor do filme; ou, no caso de satisfação total ou parcial, passava a experimentar uma sensação de preenchimento que transbordava em análises e conversas com os mais chegados que podiam atravessar dias, semanas, e até meses. Sempre atualizado, mantinha a reverência por Bergman, Kubrick, Buñuel, Fellini, Cassavetes e David Lean (seu favorito), e farejava talentos promissores como Paul Thomas Anderson e Ang Lee. Costumava acertar em cheio.



Como vai, vai bem?



“Padre, se eu sou apenas uma criança inocente, como posso já ter nascido com um pecado?”

Os primeiros anos do menino Alberto corriam a reboque das necessidades de sobrevivência da família. Aos nove, ganhou seu único irmão, Carlos. Relativamente estabilizada a situação da Espanha, sob o regime franquista, o casal proletário nutria o desejo de ter seu primogênito estudando num bom colégio de padres. Mediante algum sacrifício, realizaram o sonho bem-intencionado.

Porém, começava bem cedo a manifestar-se o espírito questionador que acompanharia Salvá ao longo de sua vida. O preço pago pela pergunta inocente foi um safanão que o lançou contra um vidro de janela. Expulso, de braço cortado, Alberto continuou seus estudos básicos em outro colégio, menos rígido, destacando-se em Matemática e matérias que exigissem raciocínio rápido. Ainda criança, apaixonou-se por uma menina ainda mais pobre, rejeitada por todos por ter a cabeça coberta de piolhos – seu primeiro amor, por compaixão. Na vida adulta, esse tipo de amor foi sendo transferido em boa parte às crianças muito pequenas, aos cachorros e eventualmente a mulheres algo fragilizadas.

“Eu sou filho de uma Europa muito antiga.”

A Barcelona de meados dos anos 1940 já permitia à família Salvá ir ao cinema de maneira normal. Musicais e dramalhões hollywoodianos eram apreciados pelo pequeno Alberto, que ouvia atentamente os comentários dos pais depois das sessões. Barcelona às vezes lhe metia algum medo, e os passeios ao Parque Güell o faziam temer secretamente a escultura orgânica de Gaudí. Apaixonado pela cidade, à qual voltaria uma vez já adulto, reconhecia que aquele berço fazia cócegas em sua memória atávica, misturando em sua mente histórias de família com a própria História da Espanha, que estudava com verdadeiro interesse. De fato, suas raízes eram profundas; a certa altura de sua vida, já sofrendo algumas falhas de memória, Salvá vez por outra sonhava em catalão. Não coincidentemente, um de seus filmes favoritos era *A teta e a lua*, de Bigas Luna. Vicente Aranda era outro colega e conterrâneo que Salvá também apreciava muito. Sentia um prazer especial em ouvir atores

falando o seu catalão nativo. Salvá registrou suas memórias de infância, adolescência e juventude no livro de contos *Menino antigo*, ainda inédito.

“O primeiro cheiro forte que senti no Brasil foi o das frutas.”

As agruras do pós-guerra na Europa motivaram inúmeros europeus a buscarem outras terras. A América do Sul começava a despontar como uma boa opção. Um tio de Salvá tomou a dianteira e veio para o Brasil, seguido depois pelo irmão Mathias e mais tarde pelo resto da família. Morando em Higienópolis, subúrbio do Rio, o adolescente Salvá foi matriculado imediatamente na escola, enquanto trabalhava com o pai em obras e, mais à frente, como seu assistente de fotografia de grupos escolares dos subúrbios ao redor. Começava então a aguçar ainda mais seu olho de lince míope; idem, o gosto pelo trabalho de revelação, no estúdio doméstico improvisado. Vendedor da dupla, ia de casa em casa oferecer os retratos. Trabalhou ainda nas indústrias de papel higiênico e de cigarros.

A ligação com Josefa, muito forte, levava os dois ao cinema nos finais de semana. O subúrbio era farto em salas, e a dupla deleitava-se, mais uma vez, com os sucessos do cinema americano. Salvá gostava de programas de rádio e de revistas de fofocas sobre astros e estrelas de cinema, e assim começava a aumentar sua curiosidade acerca de um universo com o qual ainda apenas ainda sonhava, à distância. Porém, uma ida solitária ao cinema para assistir a *A doce vida* (Federico Fellini, 1960) transformou-se num divisor de águas: chegou em casa perturbado, com febre, e passou a madrugada inteira conversando com os pais a respeito do filme. Começava aí a necessidade visceral de fazer parte do cinema, não mais como plateia. Foi então que prestou exame para o curso de Arne Sucksdorff. Um ano só de cinema: caminho sem volta. O primeiro curta, *Paixão de Aleijadinho* (1965), lhe conferia a primeira premiação.

“Eu aprendi português como gringo; por isso falo e escrevo desse jeito.”

O jeito de Salvá falar era corretíssimo, e seu vocabulário vastíssimo – resultado do hábito compulsivo da leitura, adquirido muito cedo. Como autodidata, buscava

Da esquerda para a direita:

A menina do lado,

Ana, a libertina,

Um homem sem importância

e As quatro chaves mágicas



informação, arte e cultura nos livros e revistas. Lia no banheiro, antes de dormir, no metrô ou em qualquer local onde o tempo improdutivo testasse sua paciência – como as filas de banco, que detestava. Na poesia, Borges era seu favorito, e sua leitura dos clássicos, com o tempo, passava a dar lugar a contos e crônicas. A Antropologia e os livros de cinema faziam parte de um certo rigor autoimposto, uma vez que uma vida universitária nunca chegou a ser vislumbrada por si. Seu sotaque puxando pelo “x” no lugar do “s” virou uma piada da qual ele mesmo ria. Era também como gringo aclimatado que se referia a Copacabana, seu bairro predileto no Rio.

“Eu sou um casador serial.”

Assim como seus filmes, seus casamentos. Até mesmo no período de amargo jejum entre seus dois últimos longas – *A menina do lado* (1987) e *Na carne e na alma* (2008) –, Salvá via-se unido a alguém com quem trabalhava, direta ou indiretamente, no setor do audiovisual. Contabilizando, segundo seus critérios, 10 casamentos ao longo de sua vida (não necessariamente sob o mesmo teto), Salvá dizia-se “uma moça de família”. De fato, ele assumia cada relação e, naturalmente, a família da mulher como sua família “da vez”.

Casado no civil e na Igreja Católica com a jornalista Valquíria da Paz, mãe de sua filha Melanie, trabalhou com Thomaz Farkas na fotografia do média *Nossa escola de samba* (Manuel Giménez, 1965) e dirigiu três episódios da comédia de costumes *Como vai, vai bem?* (1968) – na qual a mulher dirigiu um dos episódios. O Grupo Câmara, organizado por Salvá e amigos, era totalmente independente e corria paralelo ao Cinema Novo.

Desquitado de Valquíria, uniu-se a Dita Corte-Real, a companheira com quem realizou o autobiográfico neorealista *Um homem sem importância* (1971), detentor de uma cobiçada Coruja de Ouro, e o infantojuvenil *As quatro chaves mágicas* (1972). Em ambos, Dita foi sua atriz. Ao mesmo tempo, compartilharam uma vida hippie à moda

da época: as experiências com drogas lisérgicas, ioga e espiritualidade. Eram os ventos do início dos anos 1970 chegando ao Brasil, e Salvá trocava então a correria da polícia nas ruas do Rio pelas “viagens” que o levaram a aumentar seu interesse por assuntos transcendentais. Foi um dos primeiros alunos do Mestre DeRose, começou a se interessar fortemente por Osho e viria a descobrir, um pouco mais tarde, o psicodrama, com Norma Jatobá.

Nos anos 70, Salvá fez balé clássico, acampou pelado em Ponta Negra e filmou com muita garra. Ainda numa onda meio hippie, uma vez separado de Dita, uniu-se a Tereza Trautman, com quem passou a viver em Teresópolis, tendo como vizinhos os amigos Domingos Oliveira e Joaquim Assis. Nessa fase de relativo isolamento, surgiram, a partir de uma espécie de confraria, produções mais domésticas e, novamente, coletivas, como *Os maníacos eróticos* (1976).

Começava ali um mal-entendido que viria a incomodar Salvá diuturnamente: a fama de pornógrafo, que ele sempre repudiou veementemente. O título “Os maníacos” – episódios em torno de um carteiro que, de bicicleta, entregava correspondência a pessoas diversas, cada qual com sua mania – ganhou o adjetivo “eróticos” por iniciativa de um membro da equipe encarregado do registro.

O título do filme que Teresa dirigiu e Salvá fotografou – *Oshomens que eu tive* (1973) – também não ajudou, ficando na geladeira da censura por alguns anos. O mesmo vale para *Ana, a libertina* (1975), história policial com Marília Pêra e José Wilker. Não era fácil explicar, naquele tempo, que seus temas eram realistas e fortemente inspirados pelo seu interesse pela antropologia de gênero. Georges Bataille, em particular, começava a influenciar Salvá, que em seus filmes priorizava as relações humanas e os conflitos de casais, em detrimento da política e das questões sociais, que apenas faziam pano de fundo a seus dramas ou comédias.

Bem mais à frente, em 2007, a questão dos títulos viria a repetir-se, dessa vez com a lição aprendida: *Na carne e na alma* foi o resultado de um exaustivo *brainstorming*



em torno do título original do romance adaptado, *Deusa cadela*, de André Abi-Ramia. Salvá deu-se por satisfeito com o novo título, que acreditava traduzir com fidelidade a essência da estória. Era um processo de conciliação entre o autoral e o comercial, que vinha tomando forma desde o também premiado *A menina do lado*. Casa do com a produtora e diretora Elisa Tolomelli, parceira em seu maior sucesso comercial, Salvá experimentou seus dias mais tranquilos em termos financeiros e afetivos após a união desfeita com a mãe de seu filho Gabriel.

Depois dessa fase afortunada, os curtas-metragens passaram a ser uma alternativa. *O vendedor*, feito com sobras de negativos, exaustivamente ensaiado e milimetricamente montado, rendeu a Salvá um Kikito em Gramado. Já *O bailarino e a contorcionista*, também feito com amigos, seu último trabalho em película, não repercutiu como esperado.

“Se não posso filmar, então escrevo.”

Escrever e lecionar: essas foram as rotas de fuga das restrições impostas pelo mercado a Salvá e outros colegas seus a partir dos anos 1990. A vida fora da televisão, que havia abandonado para filmar *A menina do lado*, não era muito fácil. Uma das vantagens de dar aulas, para quem não se conformava em ver os anos passarem longe de uma câmera – ele vendeu suas duas Arriflex blimpadas em 2003 –, era o fato de poder urdir, junto com a turma, ao menos um curta-metragem de final de curso. A produtora Sonia Machado, penúltima companheira de Salvá, sua ex-colega de trabalho na Multirio, onde ele trabalhou por dois anos, foi grande incentivadora e facilitadora de cursos nos quais ele brilhava. A certa altura, esgotado das aulas básicas de roteiro e imprimindo sua marca à sistemática desenvolvida por Christopher Vogler para a construção de histórias, Salvá passou a lecionar Dramaturgia para Cinema, o que o diferenciava no mercado de cursos e arrebatava seus alunos pela forma dinâmica como conduzia suas aulas – sem abrir mão de um rigor tipicamente europeu.

Os roteiros, sua especialidade como escritor, quando não destinados a terceiros, por encomenda, eram absolutamente autorais. Colocados em editais, ainda lhe rendiam eventuais premiações, como *O senhor das nuvens*, pela SAV-MinC. Esse e mais sete roteiros de longas metragens Salvá deixou inéditos e irretocáveis, incluindo a cinebiografia musical *Elymar – guerreiro sonhador*. Elymar Santos, de quem Salvá ficou amigo ao descobrirem pontos em comum da juventude suburbana, interrompeu o projeto em função de sua campanha política.

“Saulo, me traz uma boa notícia, por favor.”

A boa notícia que Salvá esperava, em outubro de 2011, já em fase terminal de um câncer de fígado, tinha a ver com a distribuição de *Na carne e na alma*, filmado em sistema de cooperativa em 2008. Finalizado, o filme não encontrava distribuidor. Com a doença, Salvá teve que deixar de lado suas atividades, mas continuou escrevendo contos enquanto pôde. Sob os cuidados diretos da filha, contando com o apoio de seu produtor, Saulo Moretzsohn, e de muitos amigos, passou os últimos oito meses de vida cuidando da saúde extremamente fragilizada. No hospital, na fase final de muitas internações, assistia a filmes antigos e séries. Com a promessa da boa notícia para breve, relaxou e passou a sonhar com o pai e outros membros da família – em catalão, naturalmente.

No dia 13 de outubro de 2011, morreu Alberto Salvá, no Rio de Janeiro, ao som de *Un pont de Mar Blava*, poema de Miquel Martí i Pol musicado por Lluís Llach. Espiritualista, teve respeitada sua vontade de ter seu corpo cremado. Na despedida final, depois da leitura de um texto de Osho, ouviu-se uma salva de palmas de amigos e parentes para seu querido pai, amigo, mestre e mentor. A cidade estava em pleno Festival do Rio. ■

Olga Pereira Costa é roteirista/script doctor. Última companheira de Alberto Salvá, foi sua aluna e trabalhou diretamente com o cineasta de novembro de 2001 a julho de 2010.